

ASILO DE ASSISTÊNCIA AOS CANCEROSOS

RAZÕES MÉDICO-SOCIAIS DE SUA CRIAÇÃO

Desejo contar a história de uma instituição hospitalar criada, nesta cidade, com a finalidade de acolher as vítimas de um mal que às vezes castiga sua prêsa, por longo tempo, com dôres persistentes.

Refiro-me ao Asilo dos Cancerosos, instalado na Penha Circular, à rua Magé, 326.

A idéia de sua criação nasceu em 1938, logo depois de inaugurado o antigo Centro de Cancerologia, anexo ao Hospital Estácio de Sá. Tendo contado com a presença do Presidente Vargas, a imprensa tôda enaltecera a auspiciosa realização promovida em favor dos cancerosos.

Às portas daquele Centro, juntava-se, pela manhã, uma multidão de enfermos em diferentes estádios da doença. Alguns recuperáveis pelo tratamento, com o mal em sua fase inicial, ainda em período localizado. Outros, já trôpegos, com lesões adeantadas, não encontrando na cancerologia mais que um remédio paliativo. Os incuráveis eram ali rejeitados pela contingência implacável da falta de espaço. Êsses pobres infelizes não deveriam ocupar, por tempo indeterminado, um leito onde se pudesse recuperar

algum outro, dentre os presentes, ainda passível de cura. Em face daquela custosa aparelhagem, ali especialmente instalada, uma cama passou a ter, sem dúvida, valor imponderável, se julgada a preço humano. A qualquer de nós, sempre doía o momento da negativa de um leito, só para descanso e alívio, mórmente àqueles que vinham do Interior. Percebia-se-lhes a depressiva tristeza, causada pelo desenganho. Esperavam encontrar aqui na Capital, naquele órgão oficial da cancerologia, a Canaan sonhada em longas noites de sofrimento. Aquelas criaturas pressentiam rapidamente, em nossos olhos, o motivo verdadeiro da recusa. Então, seus sonhos voavam em tornaviagem para o torrão natal, agora ainda mais desvanecidos. Vinham à custa de esmola de gente amiga e nem sabiam o caminho para voltar.

Assim, assistindo de perto às tragédias diárias, senti em profundidade o dever social imposto a quem recebera a incumbência de dirigir, no País, um Serviço oficial de câncer. Compreendi logo que duas providências

diferentes deveriam ser tomadas dentro do problema.

De um lado, a pesquisa para descoberta das origens do mal, par e passo, com o tratamento de todos os casos ainda em condições de recuperação.

De outro, a assistência paliativa aos desenganados, que deixaram avançar demasiado sua doença, ou foram medicados de modo inadequado ou deficiente.

Se a salvação da vida dos homens é obrigação precípua, econômica, dos poderes públicos, já o alívio dos incuráveis é obra sentimental, diretamente ligada à comunidade. Se, no estado atual de nossos conhecimentos, cura-se apenas um terço de todos os casos de câncer, infelizmente o restante, sempre numeroso, cai na classe dos irrecuperáveis, acompanhado de interminável sofrimento, por longos meses a fio.

Estes distribuem-se pelos lares, angustiando a família inteira, com o desvêlo e enfermagem. Justa a dedicação, pois é o amor do mesmo sangue. Socialmente, porém, isso representa muitos a cuidar de um só, quando, em hospital adequado, uma enfermeira pode atender a vários, com os recursos de alívio, prontos e à mão.

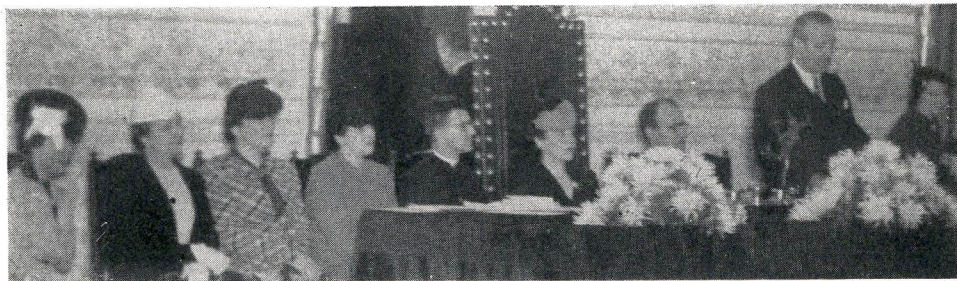
Mais grave e infeliz ainda é a situação dos desenganados, quando não possuem lar, nem meio de adquirir o sedativo. Entre nós, onde é grande a pobreza, o canceroso desamparado, às mais das vezes, cai na miséria, com

a degradação lenta trazida pela doença. Esses é que deveriam merecer especialmente o amor e o amparo de todos nós. Por causa deles, quando me vi senhor daquela pequena célula de tratamento do câncer, em 1938, firmei comigo o propósito de levar avante a organização de um Asilo, onde o canceroso indigente e recusado às portas dos hospitais pudesse ter um fim de vida menos penoso, consolado, no conforto de um leito, pelo remédio, pela bondade e pela religião.

Não foi difícil a tarefa, porque a finalidade era humana e meritória. De fato, a obra floresceu por si só. O Asilo construiu-se com pedras oferecidas pelo público. A mão de obra veio do apoio moral de amigos e assistentes.

Numa assembléia geral realizada no salão nobre do antigo prédio da Associação dos Empregados no Comércio, à Av. Rio Branco, em 27 de junho de 1939, apresentei os planos de amparo aos incuráveis.

A memorável sessão, composta de numeroso e seletto auditório, sob a presidência de honra da Sra. Darcy Vargas e do Desembargador Augusto Saboia Lima, aprovou os estatutos, elaborados previamente com a ajuda jurídica de Prado Kelly. A nova entidade, ali fundada e instalada, tomou o nome de Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos. Entre as restrições levantadas pelos presentes, registrou-se uma do poeta Murilo de Araújo.



Assembléia de fundação da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, no salão nobre da Associação dos Empregados do Comércio, sob a presidência de D. Darcy Vargas, no dia 27 de Junho de 1939.

Pedi que os estatutos silenciassem a palavra incurável. A assembléia apoiou o delicado sentimento do orador.

A diretoria ficou assim constituída: Darcy Vargas, presidente de honra; Edmundo da Luz Pinto, presidente; Jovita Silva Pinto, vice-presidente; Sérgio de Azevedo, secretário; Mário Morais Paiva, tesoureiro e Mário Kroeff, di-

retor-técnico. No Conselho Fiscal, Alberto Coutinho.

Todos os presentes tornaram-se logo sócios contribuintes, com mensalidade variável de 2 a 5 cruzeiros. Alguns maiores, com 10. No início das atividades, logo se destacaram pelo interesse tomado, além das duas diretoras, as senhoras Irineu Marinho e Camila Furtado Alves.

OS TRÊS PRIMEIROS BENFEITORES

E' preciso falar do apoio prestado pelo grande público à Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos.

O acaso defrontou-me o primeiro benfeitor: Antônio Almeida Gonzaga Jr. Pedi a êsse amigo uma casa completa para os cancerosos que não tinham um teto, onde morrer. Ofereceu-me um prédio, à rua André Cavalcanti. Fui vê-lo. Porta e duas janelas. Julgando-o inadequado às finalidades previstas, propus ao doador, a êle

mesmo, a venda do imóvel. Aceitando a transação, entregou-me um cheque de cem mil cruzeiros, sem mais formalidades. A Associação fêz logo, em agosto de 1943, a compra de um velho casarão, isolado no centro de vasto terreno, à rua Magé, 326, na Penha. Preço, 210 mil cruzeiros.

Aquele valioso donativo completou logo a importância da compra, juntando-se às nossas reservas de 138 mil cruzeiros, saldo da receita das festas realizadas no

Casino Icaraí, Grajaú Tênis Club, recitais de piano e canto, somado às contribuições mensais dos associados, acumuladas em três anos. Ótima aquisição, pois diziam que aquela casa abandonada, à noite, enchia-se de assombração. No entanto, aquêlo prédio, suposto abrigo das almas penadas, transformou-se

minar sua via crucis. Passariam ali os últimos dias, no repouso de tranqüila hospitalidade.

O pessoal, encarregado de cuidar dos doentes, constava de enfermeira, cozinheira e servente. Êsses três abnegados servidores revessavam-se, englobando, em função única, a enfermagem,



Prédio onde foram asilados os primeiros quatro cancerosos, à rua Magé, 326, Penha, em Fevereiro de 1944.

em berço de obra meritória, em 2 de fevereiro de 1944, ao receber os primeiros asilados. Eram quatro criaturas minadas pela doença e rejeitadas pelo Serviço Nacional de Câncer. Já se achavam quasi a ter-

a cozinha e o velório. Como, nos primeiros tempos, não dispunham de necrotério, transformaram logo o porão alto, de terra batida, em sala mortuária. Vela num pires era o círio do pobre.

A Santa Casa sepultava nossos mortos ou dava-os à Escola de Medicina, para estudo de anatomia.

Se o Asilo, ao nascer, não deixou de constituir um atentado

à higiene hospitalar, foi sem dúvida necessário para implantar a semente de uma obra destinada a florescer pela sua benemerência médico-social. Viveu das contribui-



No primeiro plano, vêm-se a enfermeira Genoveva Cristoforo e educadora Camila Furtado Alves, à entrada do Asilo de Assistência aos Cancerosos. Ao lado, a porta do porão que, no início, serviu de sala mortuária, em 1945.

ções arrecadadas de um público, escasso no início.

As despesas orçavam e em sete mil cruzeiros mensais. Naqueles quatro leitos, aumentados gradativamente no primeiro ano, as vagas sucediam-se com frequência e eram logo preenchidas por outros doentes, sempre ansiosos que ali se lhes abrisse uma porta. E o sentimento, entre os colaboradores, era de satisfação pelo dever social cumprido. Destaco o tesoureiro Mário de Moraes Paiva, sempre incansável. Também a enfermeira Genoveva.

Num domingo, à tarde, deixando as praias da Av. Atlântica, fui visitar o Asilo. Percebi então como a alegria se transfere fácil para a tristeza. A nossa enfermeira achava-se atenta em seu posto. Achei-a edificante na justificativa:

“Não pude sair, Dr. Mário, tenho dois passando mal”.

Fiquei a considerar: Como se ali não estivessem todos passando mal! E como a alma humana difere em face do sofrimento alheio?! Pois há quem opine diverso dessa finalidade de acolher-se um doente sem cura. Quanto menos viver, menor para a comunidade a carga de uma vida inútil. De certo, não pensava assim a enfermeira Genoveva Cristofero.

Empenhou-se também na proteção dos internados, desde os primeiros dias, Camila Furtado Alves, auxiliando material e espiritualmente a Genoveva sempre ex-

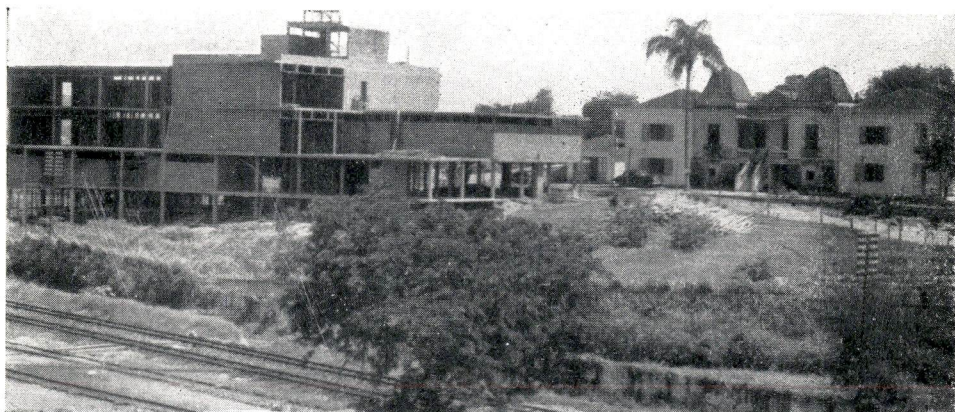
tremada, ao lado deles. Ex-professora dos filhos de Vargas e minha amiga desde os tempos do Rio Grande, Camila transmitia aos nossos doentes as dádivas de Dona Darcy, considerada, mais tarde, madrinha dos cancerosos, pela atenção dispensada especialmente a esta classe de enfermos, ao lado das suas múltiplas obras sociais.

O Asilo ia se equilibrando, em suas crises financeiras, sempre no esforço de ampliar sua capacidade assistencial, quando apareceu o segundo benfeitor: José Martinelli. A história tem sua curiosidade. Fui um dia chamado para vê-lo, em domicílio. Apresentava a perna estendida, em almofada, num tamborete. Ao lado, seu médico assistente. Recebeu-me logo com a seguinte proposta:

“Doutor, se me puzer bom, numa semana, e em condições de voltar ao trabalho do escritório, lhe darei cem contos”. Num golpe de vista, já havia feito o diagnóstico. Não era câncer, como êle supunha. Respondi que aceitava o compromisso. No fim de oito dias, voltou o industrial ao seu gabinete, reconhecido pela minha vitória. Durante o tratamento, tivemos ocasião de trocar impressões sobre o problema do câncer, doença que o apavorava sobremodo. Prometeu-me ajudar no Asilo e na campanha geral no País. Quando lhe dei alta, seu médico assistente lembrou os honorários prometidos. “Não se incomode”, foi a resposta ao seu patrício, em sotaque italiano. “Da-



O antigo prédio do Asilo, com seus dois pavilhões construídos às expensas de José Martinelli, em 1945.



Esqueleto do novo hospital, em construção, ao lado do Asilo de Assistência aos Cancerosos, em 1952.

rei muito mais aos seus cancerosos". De fato, deu bastante a êles. Autorizou-me logo a receber maior número de doentes, até vinte se possível. Mandou construir mais dois pavilhões, um em cada lado do prédio. Também um necrotério, tão necessário àquela vivenda, já por si transformada em ante-câmara da morte. Gastou nessas obras 384.600 cruzeiros. Durante dois anos, custeou as despesas do Asilo, numa média de vinte mil cruzeiros mensais. Inesperadamente, em 1946, morreu o grande benfeitor dos cancerosos. Pretendia criar a Fundação José Martinelli. Chegou a elaborar seus estatutos. Convocou uma assembléia de fundadores, sob a presidência da Sra. Darcy Vargas, na sede da Legião Brasileira de Assistência, em 21 de maio de 1945. Assinaram o livro de presença vários amigos seus e meus, como fundadores. Deixou registrada na ata uma doação de cinco milhões de

cruzeiros, para ampliação do Asilo e auxílio na campanha contra o câncer no País. Comprou, até, para a Fundação Martinelli, uma área na Estrada Rio-Petrópolis, quilômetro 35. Fui com êle escolher o local. Depois de sua morte, os planos filantrópicos de Martinelli não foram realizados.

Convém registrar que êle deu também à Sociedade Brasileira de Cancerologia, da qual eu era Presidente, cem mil cruzeiros para constituir-se um fundo de reserva.

Seu sócio e inventariante, Mário de Almeida, sucedeu-o, igualando-se nos mesmos gestos de generosidade para com os cancerosos. Ao cabo de um ano, morreu também o nosso terceiro grande benfeitor. O Asilo passou então a viver da proteção do povo em geral e da dedicação daqueles que resolveram, graciosamente, acompanhá-los de perto, no caminho do bem.

AMBIENTE DE MEDICINA E DEVOÇÃO

Com a morte de José Martinelli que mandara construir dois pavilhões ao lado do Asilo, para abrigar 46 enfêrmos, ficamos em dificuldades. Felizmente, a Instituição já se tornara conhecida e acatada, na voz do povo.

Obra de utilidade pública e única no gênero, em todo o País, já se tinha firmado, com finalidade própria e específica:

a) Ambiente adequado, composto de servidores resignados a

assistir com paciência os que sofrem doença grave, irremediável;

b) Comiseração à pessoa humana, quando consumida por lesões extensas, em órgãos principais, sempre encarada como indesejável nos hospitais gerais, quando ocupa um leito, por tempo indeterminado;

c) Ambiente de medicina e devoção, preparado para reerguer esperanças perdidas e dar aos incuráveis a doce ilusão de estarem medicados com remédio;

d) Assistência religiosa aos que se acham desconsolados no fim da vida;

e) Socialmente, hospital econômico, sem aquêles aparatos necessários à urgência médica, ou às custosas intervenções, com rigores de assepsia e pessoal técnico multiplicado, podendo uma só enfermeira cuidar de muitos;

f) Ambiente dominado por gemidos que se ouvem apagados, com mais ou menos sedativo, prodigalizado por mãos habituadas a concedê-lo;

g) Centro de estudo do câncer, sem quebra do respeito à vida humana, mesmo bruxoleante, visando descobrir alívio duradouro, enquanto a ciência médica não encontrar um agente geral e específico, redentor do homem contra a doença, em qualquer de suas fases, ou, ao menos, quando surpreendida ao despontar.

Em setembro de 1948, a Associação (A.B.A.C.) modificou a sua diretoria: Presidente — Mário Kroeff; Vice-Presidente — Sra. Brigadeiro Armando Trompowsky; 2º Vice — Alberto Coutinho; Secretário Geral — Jorge Marsillac; Tesoureiro — Mário Morais Paiva; Diretor-Técnico — Sérgio Azevedo; Fiscal — Amador Campos.

Nessa época, o Jóquei Clube Brasileiro deu-me os meios necessários para realizar uma campanha educativa, já que o Serviço Nacional de Câncer não dispunha de verba apropriada. Nossa sociedade turfista teve um gesto de beneme-

rência, sob a presidência de João Borges, concedendo-me 80.0000 cruzeiros. E, em nome da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, uma grande exposição, com finalidade educativa e assistencial, foi apresentada ao público, em novembro de 1948, na loja do Edifício Darke, à Av. Treze de Maio, inaugurada por Clemente Mariani, então Ministro da Educação e Saúde. Essa exposição apresentou a doença em todos seus aspectos, principalmente em suas lesões iniciais, com fotografias, desenhos, peças anatômicas e reproduções em cera, cartazes, etc. A primeira, realizada no Rio de Janeiro, serviria de modelo ou roteiro a outros mostruários a serem exibidos, posteriormente, aqui ou nos Estados. A finalidade era também assistencial, destinada a angariar fundos às vítimas do câncer.

Elogiada pela imprensa carioca, que lhe dispensou o maior apoio, a exposição foi visitada por milhares de pessoas, que ali deixavam seus óbulos, numa barrica coletora, levando em troca conhecimentos úteis na defesa da saúde, própria ou familiar. O Presidente Dutra, ao visitá-la, considerou louvável a nossa Associação, por ter promovido mostruário tão objetivo, na educação do povo.

Sobre o efeito causado no público, basta citar algumas das impressões registradas no livro dos visitantes e que vão adiante em outras páginas dêste fascículo.

O Jôquei Clube Brasileiro instituiu também um prêmio denominado "Campanha contra o Câncer", destinando aos cancerosos a renda líquida do movimento do páreo.

Clóvis Pestana, então Ministro da Viação e Obras Públicas, mandou emitir um selo postal e imprimir 5.000 folhinhas comemorativas da "Campanha contra o Câncer", vendidas aos filatelistas em favor do Asilo.

Coletas foram efetuadas em listas distribuídas entre particulares, casas comerciais, estabelecimentos coletivos. Um álbum, ricamente organizado, condensou todas as atividades daquela companhia, inclusive a reprodução das palestras realizadas pelos médicos do S.N.C. ao microfone da Agência Nacional.

Festivais diversos, levados a efeito nos clubes da cidade, focalizaram o nome da Associação e deram renda. Teve a maior repercussão social o "garden-party" realizado nos jardins do Solar Henrique Lage. O programa para essa festa, sob a direção artística de Marcos de Abreu mereceu cuidados, excepcionais. Num tablado armado entre as árvores

seculares da linda vivenda, colocaram-se mesinhas, em torno de uma pista de dança. Várias barraças, para venda de bebidas e comestíveis, sob a guarda de patronesses, circundavam o recinto. Defronte à pista, em plano mais elevado, foi montado um palco para desfile de modas, exibidas por senhoritas de nossa sociedade. Nêles tocaram duas orquestras, a Sinfônica Brasileira, dirigida pelo Maestro Eleazar de Carvalho e a de Romeu Silva, para o "ballet" das "Operárias de Jesus" sob a direção de Vaslav Weltschek. Houve também leilão de jóias e objetos de arte. O efeito de luz, em clarões difusos na ramagem das árvores, bem organizado, compôs esplêndido ambiente para a mais bela e elegante festa noturna, ao ar livre, realizada no Rio de Janeiro.

Na comissão organizadora, as Senhoras Brig. Armando Trompowsky, Cypriano Lage e Mário Kroeff, a senhorita Aurea Bastos e Silvio Januzzi.

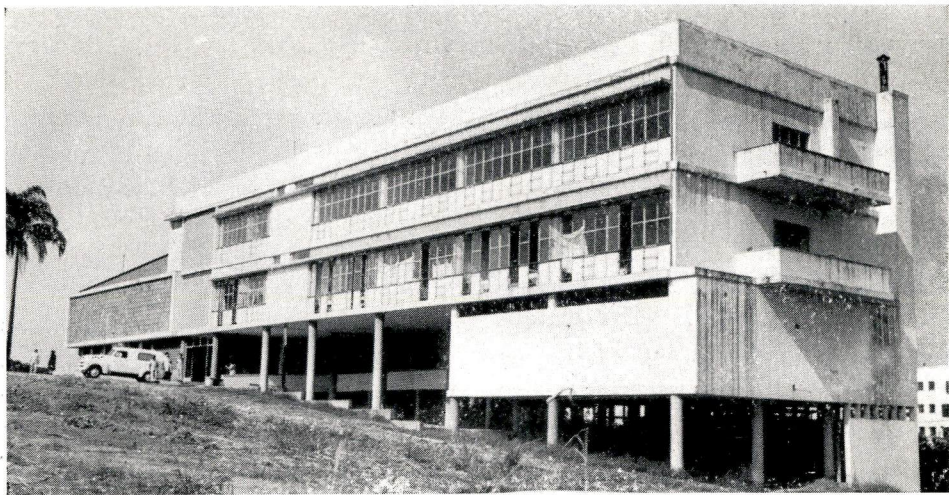
A renda foi compensadora. Teria sido muito maior se uma chuva inesperada não tivesse interrompido o entusiasmo da dança e do champagne.

HOSPITAL MODERNO

Com os fundos arrecadados na festa do Solar Henrique Lage e demais atividades da Campanha de novembro de 1948, a A.B.A.C. iniciou logo a reforma das instalações

do Asilo, remodelando a cozinha, refeitório, enfermarias, banheiros, etc.

Em novembro de 1949, tomou a direção da A.B.A.C. Alberto



O novo Hospital dos Cancerosos, a que foi dado o nome do fundador da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos. Terminado na administração de Alberto Coutinho, foi inaugurado em 1954.

Coutinho, como vice-presidente em exercício, tendo eu me afastado temporariamente. Nessa época, já havia um saldo em caixa na Instituição de Cr\$ 987.889,00. Fiquei de longe, na supervisão, limitando-me a pedir aos amigos, ora a um, ora a outro.

De posse de algumas doações da Prefeitura e do Govêrno Federal, que nos haviam sido concedidas, Coutinho iniciou logo a construção de um novo hospital, ao lado do antigo. Plantas elaboradas pelo arquiteto Victor Palma e revistas por Félix Lamela, que aqui esteve a serviço da ONU.

Contratou também os serviços de uma Irmandade Religiosa que não só melhorou a administração, como contribuiu

para animar o estado espiritual dos doentes.

Instalou no andar térreo do futuro hospital, ainda em esqueleto, uma lavanderia para resolver as necessidades do Asilo, sempre crescentes na obrigação de mudar constantemente as roupas de cama nas enfermarias. A lavanderia atendia também ao Serviço Nacional de Câncer, por tarefa contratada.

Os períodos 1950-1951 dedicaram-se às obras do novo hospital e às dificuldades burocráticas para obtenção das verbas. A êsse respeito muito cooperou a influência de Jorge Marsillac, secretário da A.B.A.C. e chefe do setor das subvenções no S.N.C. Ajudou-a desde o tempo em que eu era diretor do S.N.C., depois na gestão

Antônio Prudente e últimamente no período Pinheiro Guimarães. Em 1951, 102 cancerosos tiveram baixa no Asilo, por falecimento. Em 1952 promoveu-se intensa campanha de arrecadação. Conseguiram-se donativos em dinheiro, gêneros alimentícios, equipamentos, móveis, objetos de uso para conforto dos doentes. "O Globo" obteve do público uma geladeira. Antônio Fiorêncio doou 70 colchões com travesseiros. O Centro Espírita da Penha deu lençóis, fronhas, seringas e agulhas. Anônimos, vários cobertores e meias. A Casa Neno uma máquina de costura. O "O Globo" conseguiu 21 aparelhos de rádio e uma eletrola. A Organização das Voluntárias, por várias vezes, deu fronhas e lençóis. Auxiliaram-nos pelo rádio os programas de Monseñor Henrique Magalhães e de Adélia Sursland. Camila Furtado Alves, na Rádio Ministério da Educação, em "educar para vencer", falou de 1942 a 49, bendizendo os propósitos da nossa Associação.

Não foi pequena a contribuição de Léa Silva, na Rádio Nacional e Ana Maria, na Rádio Clube do Brasil.

Camila, em 1949, auxiliou a distribuição pela cidade de uma rede de cofres coletores de óbulos para o Asilo.

Tanto a Caixa Econômica como sua Associação Beneficente fizeram donativos. Vaz Toler forneceu impressos para recibos e propaganda. Idem, Gráficas Almeida Marques. Mário Morais Paiva fez donativo

em memória de sua espôsa. Doações vultosas foram recebidas: Celine Guinle Paula Machado, Edmundo da Luz Pinto, Alfeu Ribeiro, José Rodrigues da Costa, José Gonçalves Portela, C. de Osiris Josephson, Pedro Serrado e outros. A Drogaria Gesteira deu também cheques e remédios várias vezes.

Merece destaque o apôio que, desde 5 de julho de 1951, nos vem prestando a Legião Feminina de Educação e Combate ao Câncer. Festejou no mês passado, dez anos de atividade constante ao lado da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos. Alista voluntárias para constituir uma rede feminina de educação e combate, com o compromisso de passar adiante tudo que aprenderam a respeito do inimigo comum.

São irmãs nos mesmos propósitos filantrópicos. Se a Legião tem um decênio de serviços prestados, esta outra já amadureceu com 23 anos de atividades, na lida diária ao lado dos que sofrem. Enquanto uma educa para alertar contra as lesões adiantadas, a outra protege àqueles que deixaram o mal avançar demasiado. Se a mais nova pede, a outra aplica o óbulo recebido. A Legião nasceu sob o patrocínio de Inge Coutinho, sua primeira presidente. Foi depois sucedida por Heloisa Marsillac, que imprimiu grande entusiasmo, em sua nobre finalidade. Últimamente na direção, a eficiente Hilda Faulhaber de Moraes, professora competente, organizou junto às es-

colas da Prefeitura, a campanha do alumínio, despertando entre os colegas o sentido da solidariedade humana. Por ela, toneladas de painéis velhos daquele metal e tampinhas de garrafas de leite, têm sido vendidas anualmente pela A.B.A.C., sempre com renda ponderável.

De 1956 até 1960, recolheram 8 toneladas e 410 quilos de metal que se destinava ao lixo e recuperaram a soma de Cr\$ 455.210,00. Pela campanha do sêlo, vendido nas escolas com autorização da secretaria da antiga Prefeitura, Cr\$ 731.098,00 e o dos jornais velhos, Cr\$ 93.864,00, perfazendo o total de Cr\$ 1.288.172,00, obtidos em favor dos cancerosos do Hospital Mário Kroeff.

Em 1953, a Prefeitura mandou calçar a rua Magé, que conduz ao Asilo, a pedido da Associação e por influência do engenheiro Felipe Reis. Ajardinou também a área pertencente à nossa Instituição por interferência da Sra. Mourão Filho.

Lindo parque de eucaliptos foi plantado para abrigar o novo hos-

pital contra a poeira, o ruído, o vento e o sol.

Na sessão de 14 de maio de 1954, estando eu presente como presidente efetivo, licenciado, assumi a presidência temporariamente e de acordo com os estatutos, conferi o título de vice-presidente de honra da A.B.A.C. a quatro sócios fundadores, que têm acompanhado até agora as atividades da entidade, com o espírito de abnegação e desprendimento: Alberto Coutinho, Sérgio Azevedo, Jorge Marsillac e Mário Moraes Paiva, nomes que constituem pedras angulares da Instituição.

Em maio de 1954, prosseguindo-se as obras do novo hospital, os doentes foram transferidos para o 2º andar ainda inacabado, ficando o primitivo Asilo transformado em sede da administração, dormitório das enfermeiras e clausura das Irmãs.

Amador Campos incumbiu-se da supervisão das obras e aquisição do equipamento do novo hospital, aprontando-o logo para a inauguração.

HOSPITAL MÁRIO KROEFF

Em agosto de 1954, afastei-me da presidência da A.B.A.C., confiando seu destino aos companheiros. Pretendia retirar-me para o exterior, a fim de me submeter a operação grave. Então, em Assembléia, realizada a 24 de outubro de 1954, sob a presidência de Alberto

Coutinho, a A.B.A.C. resolveu dar ao novo estabelecimento o nome de Hospital Mário Kroeff.

Constou, em ata: "Justa homenagem ao pioneiro da luta organizada contra o câncer no Brasil, fundador do Serviço Nacional de Câncer e da Associação

Brasileira de Assistência aos Cancerosos. Dedicou o melhor de sua vida ao humanitário esforço para criar no País entidades destinadas, não só ao tratamento do câncer, como ao abrigo dos incuráveis, quando indigentes”.

Organizaram um álbum artístico, assinado por toda a diretoria, onde se lêem trechos escritos assim:

“Esta homenagem, prestada à V. Excia., é um preito de profundo reconhecimento e admiração pela obra que realizou no Brasil em prol dos cancerosos, obra que tanto tem concorrido para o engrandecimento das atividades médico-sociais no País. O Hospital Mário Kroeff, cuja concepção e criação devemos a V. Excia., representa o valor de trabalho e de tenacidade, postos a serviço do bem. Lembrará personalidade de altos méritos, a servir de exemplo e de estímulo nas gerações futuras”.

Esse documento foi-me entregue um ano depois, ao regressar da América, em novembro de 1955, com a saúde restabelecida. Aí, já estava na voz do povo, difundido, o nome dado ao novo hospital dos cancerosos, com impressos de propaganda em circulação, não me sendo mais possível evitar esse tipo de homenagem, habitualmente só conferido em memória dos mortos.

Alberto Coutinho entregara-se à tarefa, corpo e alma, levando a

têrmo as obras do novo hospital. Obtendo subvenções do Governo da União e da Prefeitura Municipal, inaugurou-o em festa comovente, no Natal de 1954.

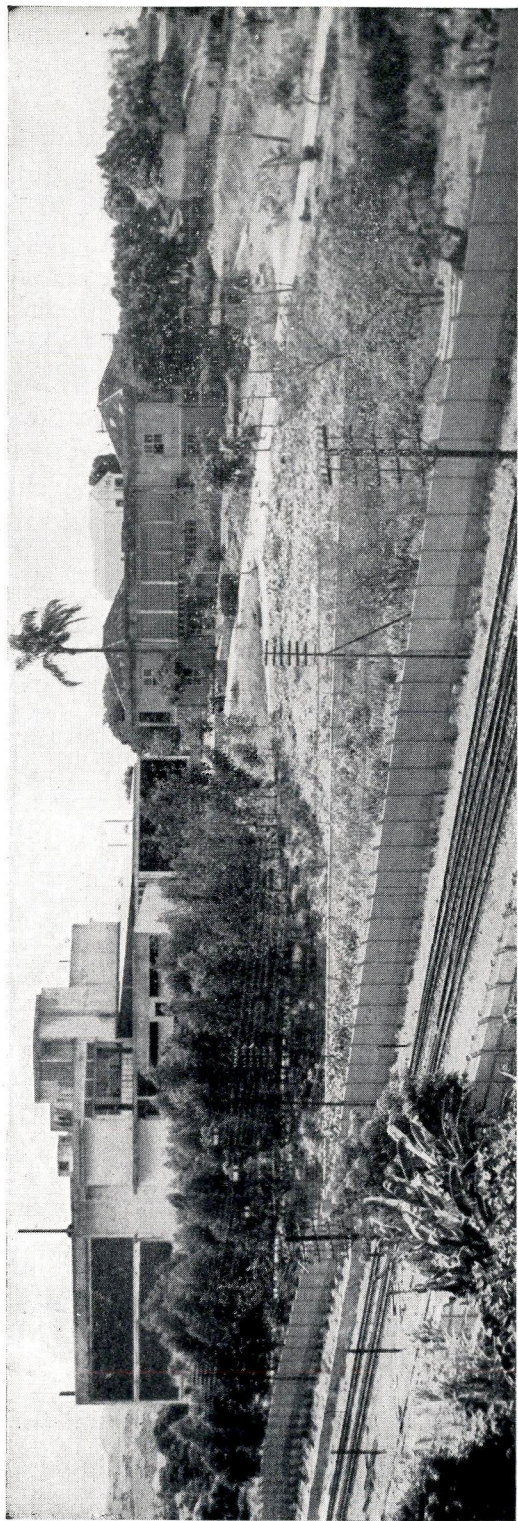
Mais tarde, completando-o, o Jóquei Clube deu-lhe os elevadores que havia retirado de sua sede.

Em 1956, a Tribuna da Imprensa obteve do público uma tenda de oxigênio.

O número de cofres coletores, espalhados pela cidade, foi multiplicado, sob fiscalização de Nazareth Simões da Motta.

O tesoureiro, M. Moraes Paiva, fez a aquisição de três conjuntos de salas, à rua Almirante Barroso 6, um para escritório da A.B.A.C. e dois para renda. Adquiriu também um terreno à rua Enes Filho, contíguo à área da Instituição. Em 1957, deixou a tesouraria, passando-a a Ildeu Ramos de Lima e enaltecendo os serviços prestados gratuitamente, durante vários anos, pelo contador Diniz Rodrigues da Silva.

Novos benfeitores apareceram com a popularidade adquirida pelo Hospital. Prontificaram-se a custear mensalmente um leito, com o nome do doador à cabeceira: o comerciante Manoel Lopes, Banco Norsul, Produtos Pindorama e Celuta Silva Gonçalves (4 leitos), em memória de Germano José Gonçalves; Comendador Albertino J. Pinto, Banco Lowndes, Moinho Inglês, Produtos Prata Moderna, Luiz Pinto Tomaz, com Cr\$ 10.000,00 mensais, e Guilhermina Monteiro, ex-enfer-



Vista de conjunto do Hospital Mário Kroeff, ao lado do antigo Asilo de Assistência aos Cancerosos.

meira-chefe do S.N.C., que viu nascer o Asilo.

O Lion's Club da Lagôa deu substancial ajuda para a ampliação das obras.

Sob a presidência de Adriano Rodrigues, cooperaram também o Social Ramos Club e o Rotary Club Leopoldinense.

A Associação tem sido contemplada com legados em testamento: um deixado por Maria Soledade e outro por Blanca Calderon de la Barca.

Últimamente, o atual presidente orientou-se no sentido de modificar a antiga situação de simples asilo, transformando-a em hospital moderno, especializado na cirurgia da dor e na radioterapia, para alívio duradouro.

Também a quimioterapia está sendo ensaiada contra o câncer avançado.

Adquiriu dois potentes aparelhos: Radioterapia profunda e rádio-diagnóstico. Instalou duas salas de operação, equipadas com aparelhagem de esterilização e instrumental cirúrgico. Montou laboratório de análises e banco de sangue.

Aumentou a capacidade do Hospital, dobrando as despesas.

Hoje, com 94 doentes, custa ao povo cerca de 800 mil cruzeiros mensais. A soma vale plenamente pela importância dos serviços que presta. Como não pode atender senão uma parte daqueles que batem

diariamente à porta do Hospital, a Diretoria resolveu limitá-lo exclusivamente aos desamparados, aqueles que não estão protegidos pelas leis trabalhistas. Os trabalhadores já descontam nos seus vencimentos o direito de atendimento médico. Essa decisão não representa dureza de coração, por parte da Diretoria. Ao contrário, ela tem até se excedido em sentimentalismo. Basta lembrar que o Hospital Mário Kroeff faz hoje transfusão de sangue nos irrecuperáveis. Há pouco, visitou nosso Hospital um médico francês, Dr. Ennuyer, diretor da conhecida "Obra do Calvário", que, em Paris, há longos anos, vem recebendo cancerosos sem cura. Declarou que ali todos pagam e ninguém recebe serviço gratuito. Admirou-se do nosso requinte assistencial, em dar sangue de graça a quem não tem mais salvação. Um dos nossos médicos, João Bancroft Vianna, justificou ante aquele facultativo a sensibilidade do povo brasileiro, em face dos que sofrem: "se temos doadores espontâneos, porque não se dar o conforto da melhora a quem está exangue?"

Enfim, até hoje, desde os tempos do Asilo, alí já se abrigaram, sob um teto amigo, cerca de 7 mil cancerosos. A maioria, de certo, passou para o além, já não maldizendo mais as dores da vida, graças às bençãos lá recebidas das Genovevas e das Irmãs Vicentinas, devotadas criaturas, cuja felicidade se resume no bem alheio.

Eis, resumida, a história da Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos, que transformou o primitivo Asilo em Hospital Mário Kroeff.

Ele espera também a tua contribuição, meu caro leitor.

Visita aquela Casa de abnegação e de sofrimento. De lá, sairás consolado, se por ventura guardares contigo o dissabor de pequenos reveses, a angustiar tua vida íntima.

Um benefício para ti e para os que sofrem.